



## AS JORNADAS DE AGROECOLOGIA DA BAHIA: SOB A ÓTICA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Carlos Viana dos Santos<sup>1</sup>  
Arlete Ramos dos Santos<sup>2</sup>  
Diego Ramos Pita<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

No enfrentamento da crise da lavoura cacaueteira que assolou o sul da Bahia, a qual modificou radicalmente as bases produtivas, do acesso à terra e das relações de trabalho, e diante do enorme esvaziamento dos espaços do campo (êxodo rural) na região, a Jornada de Agroecologia da Bahia se gestou de maneira coletiva com a participação de diversos movimentos sociais, para pensar as saídas e alternativas que possibilitassem o enfrentamento desta crise.

O coletivo buscou apontar possibilidades e alternativas na construção da vida em uma dimensão onde o homem, o território e a natureza de forma integrada e integrante, perpassando pelo acesso e construção de espaços de socialização da educação que prepare este sujeito, ou seja, emponderando-o<sup>4</sup> frente ao novo paradigma, de modo a que assuma um papel revolucionário a partir do recorte das bases educacionais e agroecológicas (TEIA, 2016).

Para tanto, analisamos a ocorrência dos espaços da Educação Não Formal e como estes se configuraram nas edições das Jornadas de Agroecologia da Bahia. Pois, acredita-se que baseado nestes espaços foi possível a idealização e a construção de uma proposta pedagógica de educação no campo dentro da Teia de Agroecologia dos Povos. De modo que, as discussões travadas nos espaços de Educação Não Formal, buscavam contribuir

1 Graduando do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Endereço eletrônico: kakaecobahia@gmail.com

2 Doutora em Educação pela FAE/UFMG com Pós-doutorado pela UNESP. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC - BA). Endereço eletrônico: arlerp@hotmail.com

3 do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Endereço eletrônico: dpitamos@gmail.com

4 Apesar deste termo ter sido cunhado na língua portuguesa como um neologismo oriundo da palavra inglesa *empowerment* que em uma possível tradução significa “poder fluando”; neste trabalho faz referência ao fato do indivíduo se apropriar dos conhecimentos e alcançar o entendimento de líder de si.



na construção entre os povos do papel “novo homem”, que ancorado em projeto de educação “por eles mesmos” edificasse saídas e soluções frente aos problemas sociais, organizacionais e econômicos das comunidades que atuam em rede dentro da Teia (TEIA, 2015)

Este estudo contribuiu para o entendimento de novas práticas e uma nova concepção da educação do campo, a partir da dinamização e análises das Jornadas como espaço de Educação Não Formal (no campo), baseada nos pressupostos teóricos e metodológicos da agroecologia, que por hora norteará os currículos e formação dos educandos e educadores numa constante troca e na formação de consciência mais ativa enquanto atores sociais.

A primeira Jornada de Agroecologia da Bahia (realizada em 2012 no assentamento Terra Vista em Arataca-Bahia) se apresentou inicialmente como meio para pensar as saídas e alternativas que possibilitassem o enfrentamento da crise da lavoura Cacaueira, onde permitisse a construção da vida em uma dimensão onde o homem, o território e a natureza dialogassem de forma integrada e integrante. A jornada é fruto histórico do desencadeamento das discussões travadas dentro do Território de Identidade Litoral Sul da Bahia pelas diversas comunidades de povos tradicionais, agricultores familiares, indígenas, mulheres, juventude, acampados e assentados, pescadores, movimentos sociais, dentre outros (TEIA, 2015)

Posteriormente à primeira jornada, diversas comunidades de povos tradicionais, agricultores familiares, indígenas, acampados e assentados, pescadores, mulheres, juventude, movimentos sociais e entidades pensaram em um espaço permanente e, por isso, constituíram uma rede chamada Teia de Agroecologia dos Povos (TEIA, 2015).

Desta maneira, os integrantes da referida Teia, entenderam que as Jornadas sinalizaram caminhos práticos para as diversas demandas dos grupos, dentre elas, pensar e realizar uma educação no campo de forma alternativa, onde o espaço político de encontros dos povos e dos atores sociais, o fortalecimento dos territórios, das organizações pela agroecologia, da soberania alimentar, da liberdade e soberania do pensar educacional (onde o papel político, cidadão e solidário de cada integrante estão em jogo). Assim, esse estudo pretende identificar e mapear de que forma as Jornadas Agroecologias da Bahia se caracterizam enquanto práticas vinculadas à conceituação da Educação Não Formal.

## MATERIAL E MÉTODOS



O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, sendo que o método de abordagem utilizado se deu por meio do estudo de caso. As informações analisadas nesta pesquisa se deram mediante vivência de campo, onde foram levantados dados de fontes primárias, por meio da participação em reuniões (através do procedimento da observação, com a tomada de nota em caderno de anotações) realizadas no assentamento Terra Vista no município de Arataca-Bahia, na Casa do Boneco no Município de Itacaré-Bahia, na Aldeia Catarina Paraguaçu no Município de Pau Brasil-Bahia e na Aldeia Serra do Padeiro no Município de Buerarema-Bahia.

Foram analisados os documentos internos, como relatórios de atividades e de reuniões, planejamento tático e estratégico, e comunicações internas da Teia dos Povos, na sua secretaria executiva localizada no Assentamento Terra Vista, a saber: os projetos das jornadas, as propostas dos trechos, os princípios orientativos, as cartas políticas e os folders. Para analisar e pesquisar as informações, foram realizadas visitas na secretaria executiva sempre com a presença de um representante dos elos responsável pela guarda e zelos de tais documentos no acervo. Também foi pesquisa a presença da Teia nas mídias sociais como blogs e Facebook.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as Jornadas de Agroecologia da Bahia foi possível observar e descrever as dinâmicas dos espaços onde e como foram ocorridas algumas práticas educacionais e identificar estes, como espaço de “Educação Não Formal”. Segundo Gonh, (2011, p.108): “Os espaços onde desenvolvemos ou se exercitam as atividades da Educação Não Formal, são múltiplos”. Nesse sentido, podemos dizer que estes espaços foram criados e pensados a partir das concepções políticas, culturais e sociais da Teia dos Povos, e que esta, imprime neste espaço uma “intencionalidade” uma vez que, em sua metodologia fundada em especial, no “relato das experiências” é possível colher dos sujeitos/atores sociais as falas e os saberes que um dia foram silenciados, suprimidos, presos, encaixotados e guardados pelo processo de exploração do sistema capitalista, que aos poucos utiliza as ferramentas da educação escolar, para suprimir os reais valores que estão por trás do processo de exploração, criando para estes atores/sujeitos um mundo descolado e desconectado da sua realidade.

Ao entender o seu papel como sujeito que pensa, reflete e age a partir da realidade



concreta é que a agroecologia nada mais é do que um instrumento de transformação, luta e empoderamento dos povos, um modo de viver com os saberes ancestrais, com a relação menos impactante na natureza ao homem reproduzir seu modo de vida e suprir as suas necessidades (TEIA DOS POVOS, 2015).

É preciso que a nova geração compreenda qual a natureza da luta travada pela humanidade, qual o espaço da classe explorada e qual o espaço que deve ser ocupado por cada adolescente, e que cada um saiba em seus respectivos espaços travar a luta pela destruição das formas inúteis, substituindo por um novo edifício (PISTRAK, 2000).

Contudo, estes espaços não escolarizados têm cunho político e pedagógico de instrumentalização dos povos do campo, que diante destes momentos das jornadas, pensam não só um campo a partir de suas práticas agroecológicas, mas também, como um espaço de reprodução das condições sociais e culturais e da vida como um todo. Embora para Teia dos Povos, seja preciso entender que educar os povos e as comunidades perpassa por compreender e respeitar a sua história, as suas origens, as suas raízes (processos ancestrais), o seu modo de vida.

## CONCLUSÕES

A partir dos resultados da pesquisa entendemos que, para os mestres e mestras, as velhas práticas só terão condições reais de serem superadas a partir do apoderamento da agroecologia pelos povos como ferramenta de prática política, social e cultural, da ressignificação dos territórios e do campo como espaço de reprodução e socialização da vida e do bem viver e de uma educação por eles mesmos; onde o trabalho guie o entendimento e compreensão do mundo a partir das práticas e modos de vidas dos povos que compõe a Teia. Para tanto, é imprescindível os espaços de educação, em especial a importância e o desdobramento das práticas de Educação Não Formal que vêm ocorrendo nas jornadas.

Estes processos de Educação Não Formal fazem com que os indivíduos se configurem sujeitos de suas trajetórias dentro dos elos e das comunidades; entendam o seu papel social e histórico, ou seja, ao conhecer uns aos outros no processo de interação e integração social com as experiências contadas, narradas e ouvidas, com as histórias de lutas e conquistas, com as falas de resistências, com saberes que antes estavam silenciados.

Nesse sentido, por meio das vivências de campo, são claros os apontamentos e a



intencionalidade da formação pela agroecologia nestes espaços de Educação Não Formal. Uma vez que esse sujeito retorna as suas bases e difunde esses ensinamentos alinhados com toda produção do conhecimento já produzido pela humanidade, e que estes entendem que também fazem e produzem experiências e relatos que geram conhecimentos e que de certa forma a ciência na forma tradicional despreza.

Dessa maneira, as interações dos diversos povos com suas tradições e práticas de vivências criaram a Teia dos Povos, e do amplo debate ocorridos nos espaços de Educação Não Formal, influenciou uma discussão profunda da necessidade de uma proposta de Educação da Teia dos Povos tendo suas bases na agroecologia.

## REFERÊNCIAS

GONH, Maria da Glória. **Educação Não Formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** - 5º Ed.- São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção quês da Nossa época; v 26), (Pág. 101 - 118).

TEIA DOS POVOS. TEIA DOS POVOS. Disponível em: [https://www.facebook.com/teiadospovos/photos?source\\_ref=pb\\_friends\\_tl](https://www.facebook.com/teiadospovos/photos?source_ref=pb_friends_tl). Acesso em: 18 de jul. de 2016.

TEIA DOS POVOS. **A Jornada de Agroecologia da Bahia:** Um espaço de encontro e troca de saberes, entre teoria e prática. Disponível em: <http://teiadospovos.redelivre.org.br/jornada-de-agroecologia/>. Acesso em: 10 de jan. de 2017.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho.** SP: Expressão Popular, 2000.